

(Públicado na Motrivivência)

PROCESSOS COMUNICACIONAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA E NO ESPORTE

REFLEXÕES FILOSÓFICAS

Silvino Santin

Resumo

O presente estudo consiste numa reflexão filosófica sobre possíveis vinculações dos processos comunicacionais com a educação física e o esporte. Inicialmente é apontada a possibilidade de diferentes interpretações da expressão, processos comunicacionais. A seguir são indicadas as opções adotadas para desenvolver a reflexão filosófica proposta. Num primeiro momento, o significado de processos comunicacionais está relacionado aos meios de comunicação de massa, sob três aspectos: como instrumento de divulgação e promoção, como articulador de um tipo especial de socialidade e como construção de um jornalismo modelar. Num segundo momento, o significado de processos comunicacionais refere-se ao funcionamento da organização do ser vivo, responsável pela manutenção de sua unidade e integridade. Nos dois momentos são apontadas as repercussões para a compreensão e a prática da educação física e do esporte.

Palavras-chave: Processos comunicacionais, Educação Física, Esporte, Física, Mecânica, Biologia, Neurociências e Neurobiologia.

INTRODUÇÃO

Há diferentes maneiras de entender os processos comunicacionais, seja na educação física e no esporte, seja em qualquer outra área do saber, seja em outras atividades humanas. Embora se possa tratar da comunicação como uma atividade autônoma, o que seria objeto específico das ciências da comunicação e da informação, aqui há, apenas, a preocupação de vincular o tema a duas atividades específicas, a educação física e o esporte. Portanto, o que importa é descobrir, observar ou compreender as possíveis relações que se estabelecem entre o fenômeno da comunicação e a educação física e o esporte. Esta proposta poderia ser centrada na preocupação em identificar o tipo de presença e de participação ou do papel que os processos comunicacionais, entendidos no mais amplo sentido, possam assumir e desempenhar no campo da educação física e do esporte.

Ouve-se, freqüentemente, proclamar que estamos na era da informática e da comunicação, mas é bom lembrar que, junto com ela, a educação física e a ecologia formariam a trilogia fundamental dos grandes temas que caracterizariam as preocupações do século XXI. O domínio da informática, os movimentos ecológicos e o desenvolvimento da educação física garantiriam a futura sociedade desenvolvida e com qualidade de vida. E isto faz sentido se considerarmos, em primeiro lugar, que estamos saindo de um paradigma de cientificidade, calcado sobre o sistema das relações físico-mecânicas, para o paradigma dos sistemas de informação, provenientes da genética e da neurobiologia; em segundo lugar, porque a ecologia é responsável por todos os esforços de preservação do próprio planeta como sendo a terra-pátria da humanidade; e, por fim, porque a educação física, revisada e iluminada, em especial, pelo mapeamento do genoma humano, representaria uma nova maneira de viver a realidade humana, para além dos limites meramente cognitivistas.

Atento a essa nova visão de desenvolvimento, acredito que é fundamental refletir sobre os processos comunicacionais em relação à educação e ao esporte, por onde passaria a nova compreensão de ser humano como um ser corporal. Diante desta relevância, certamente, o tema mereceria, da parte de todas as áreas de investigação, uma atenção especial e inadiável. Como já foi anunciado no subtítulo, trata-se, aqui de uma reflexão filosófica. Tarefa que pretendo desenvolver em dois níveis de compreensão do que poderia acontecer na aproximação dos processos de comunicação com a educação física e o esporte.

O primeiro nível, que classificaria como externo e, talvez, superficial, refere-se ao aparato de recursos de comunicação e de informação, abrangendo teorias e técnicas da informática, usado para divulgação, promoção e publicidade da Educação Física e do Esporte. Com a palavra Mídia, penso resumir a abrangência deste primeiro momento de minha tarefa filosofante.

Não poderia deixar de acrescentar uma observação sobre o fato de que os esportes modernos constituíram-se numa mina inesgotável de matéria prima para a imprensa em geral, falada, escrita e televisiva. Este fato torna-se ainda mais significativo se levarmos em conta a estreita vinculação entre educação física e atividades esportivas. Não exageram aqueles que afirmam que educação física tornou-se quase sinônimo de esportes. No cenário atual brasileiro pode-se definir tal aproximação como cara e coroa de uma mesma moeda. É verdade que a educação física parece estar mais para coroa, isto porque, em lugar da educação física apropriar-se do esporte, acabou sendo apropriada por ele. Um fenômeno que alguns denominam de esportização da educação física.

O segundo nível, mais profundo e interno, diz respeito à educação física e ao esporte como atividades de um organismo vivo humano, em cujo interior opera um processo comunicacional, que não é exatamente aquele que se conhece através das teorias e técnicas da comunicação, mas que acontece no dinamismo do ser vivo, enquanto uma auto-organização ou, como define Maturana, autopoiese.²⁰⁷ Portanto, trata-se de um fenômeno biológico.

Ainda uma observação. Na verdade a Educação Física e o Esporte mereceriam um tratamento especial e diferenciado, mas diante da quase fusão atual de ambos, como já foi dito acima, acredito poder admitir sua unidade simbiótica sem prejuízo para minha reflexão filosófica. Supostamente não há educação física sem esporte e não há esporte sem educação física. Uma fusão quase unanimemente festejada. Segundo Jorge Bento, professor da Universidade do Porto, o esporte veio para dar conteúdo à educação física que vagava sem um objeto específico para suas preocupações epistemológicas e pedagógicas.²⁰⁸ Parece que o casamento deu certo, pelo menos enquanto teria aberto uma porta de acesso ao templo das ciências, definiu um tipo de pedagogia socializadora e, com maior sucesso, porque garantiu um mercado de trabalho extremamente promissor, num futuro muito próximo.

1. PROCESSOS COMUNICACIONAIS

A expressão processos comunicacionais é bastante genérica porque pode englobar toda a imensa área da comunicação humana, o que possibilita diferentes interpretações. Uma, a mais visível, é, na minha percepção, a que nos leva a entender e a tratar os meios de comunicação de massa ou, simplesmente, aquilo que se convencionou chamar de Mídia. Entretanto, não pretendo tratar deste fenômeno tão complexo e poderoso da era da globalização e do mercado. A minha pretensão, neste primeiro momento, é muito horizontal e simplificadora, pois vai permanecer na mera constatação da intensidade com que os esportes preenchem os espaços e o tempo dos meios de comunicação de

²⁰⁷ Maturana, H. De Máquinas e Seres Vivos.: Autopoiese- a Organização do Vivo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

²⁰⁸ Bento, Jorge. Desporto "Matéria" de Ensino. Lisboa: Editorial Caminho, 1987.

massa, por vezes, os mais nobres. É notório que as atividades esportivas possuem uma série de vinculações com os meios de comunicação, um tema que, pelas minhas observações, ainda não foi investigado a fundo em suas múltiplas implicações. Aqui, eu pretendo focar três aspectos, não para tratá-los com profundidade, mas com o objetivo de provocar os especialistas da área a fazê-lo com maior propriedade e autoridade. Aparentemente são simples.

1.1 O uso dos meios de comunicação como instrumentos de promoção e de divulgação.

Fala-se que a imprensa é o quarto poder. Diga-se de passagem, um poder freqüentemente respeitado e, por vezes, temido pelos demais poderes. A questão que me coloco de imediato diante deste poder é a seguinte: que relação existe entre o poder da mídia e o esporte e a educação física? Neste caso preciso fazer uma distinção entre o papel da educação física e o do esporte. De fato a educação física, pela maneira como a mídia privilegia os esportes, fica completamente ofuscada. O que aparece é o esporte, e a educação física fica reduzida à treinamento físico. Voltando à pergunta, diria que a resposta pode trazer embutida uma correlação recíproca, isto é, um enfrentamento entre o poder do esporte e o dos meios de comunicação. Parece que o esporte exerce um certo domínio sobre a imprensa devido a seu grande apelo popular. A imprensa encontra consumidores de seus programas por veicularem eventos ou espetáculos esportivos. Neste sentido os meios de comunicação dependem dos esportes. Não quero entrar no mérito desde debate, embora me pareça muito significativo, pelo menos, mas não está afinado com o objetivo aqui proposto. Portanto, vou fixar-me nos dois objetivos já anunciados no subtítulo.

Primeiramente, os meios de comunicação são fundamentais para a divulgação dos eventos esportivos, não apenas enquanto anunciam datas e horários, mas enquanto, fazem inúmeros comentários sobre os atletas, suas possibilidades físicas, seu estado atlético e suas habilidades técnicas. Não se trata de meros anúncios, mas de uma descrição que antecipa, de alguma forma, por exemplo, uma partida de futebol com todos os seus contornos. Na verdade o leitor, ouvinte ou telespectador recebe uma certa antecipação de um acontecimento que irá ocorrer, do qual é convidado a participar, convencido de que se realize o que lhe foi anunciado. A partir deste momento passa a viver o porvir como fato, chegando a antever e descrever lances, como se fosse um espetáculo circense.

Neste momento, a divulgação acaba se transformando no segundo instrumento, o de promoção dos eventos. Nesta promoção acontece um favorecimento recíproco. De um lado os meios de comunicação, ao promover o esporte, promovem-se a si mesmos. É o esporte, na verdade, que faz com que o ouvinte, leitor ou telespectador, ligue a televisão, compre o jornal ou sintonize o rádio. Neste sentido, também, a imprensa passa a se submeter ao poder do esporte. O que importa ao meio de comunicação é o índice de ouvintes, leitores ou telespectadores, ora, em princípio não é o instrumento comunicacional que é o valor procurado, mas o acontecimento esportivo. Há, por exemplo, pessoas que ligam a televisão para ver a imagem, mas preferem acompanhar a narração no rádio. O evento esportivo passa a ser absoluto. O meio de comunicação é aceito na medida em que molda o espetáculo esportivo conforme a expectativa do torcedor.

O poder promocional dos meios de comunicação se dá quando estes criam expectativas, provocam o imaginário das pessoas diante da grandiosidade, da singularidade ou da emocionalidade que, por exemplo, tal partida de futebol vai oferecer diretamente a cada um. A imprensa pode criar grandes espetáculos esportivos introduzindo uma infinidade de ingredientes que garantem a satisfação dos mais variados desejos. Não se trata de hipóteses possíveis, mas de coisas concretas. Em princípio, pelo anúncio promocional, ninguém sairá frustrado, todos serão vitoriosos. Em nenhum momento aparece a possibilidade de haver perdedores.

O mesmo modelo promocional, aplicado aos eventos esportivos, pode-se ser transferido para a promoção de pessoas, especialmente de atletas. Geralmente alguns atletas em particular os do agrado dos torcedores, recebem um tratamento privilegiado. Suas qualidades e seus feitos são exaltados, enquanto suas falhas são perdoadas ou minimizadas.

As múltiplas formas da mídia de exercer seu poder promocional, pode-se dizer, são inesgotáveis, não só enquanto atua na esfera esportiva, mas, também, enquanto atinge outras dimensões que pertencem a outras esferas, como o social, o econômico ou o político. Aproximando estas outras esferas à esfera do esporte, a força do poder promocional aumenta quase ao infinito.

1.2 Uma socialidade diferenciada

Inicialmente é preciso lembrar que, incontestavelmente, as organizações esportivas reproduzem e reforçam a ordem social na qual elas estão inseridas. Valter Bracht observa que “A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo ... capitalista”.²⁰⁹ Caso a tese de Jean-Marie Brohm seja aceita, e parece difícil de ser recusada, ao sustentar que “El desarrollo del deporte está intimamente vinculado al del maquinismo industrial capitalista. Por lo tanto, el deporte moderno es la *actividad corporal tipo* de una sociedad industrial cuyo fundamento es la organización científica del trabajo...”,²¹⁰ também a tese de Bracht não merece reparos.

Neste sentido não se pode esquecer que a iniciação esportiva na escola tem o objetivo maior a socialização do adolescente. Não é preciso esclarecer, pois todos conhecem, as relações entre a pedagogia das praticas esportivas com a ideologia da organização social.

O esporte, pela maneira como os meios de comunicação o manipulam, acaba sendo responsável por uma forma de socialidade muito peculiar. Cria, sob certo aspecto, grupos ou, para usar a expressão de Maffesoli, tribos diferenciáveis dentro da grande sociedade. Não me refiro, apenas, às torcidas organizadas, mas todo um tipo de condutas e identificação sociais. Uma população inteira, por assim dizer, assume uma segunda cidadania, a do esporte ou do clube ao qual se vincula. O indivíduo, ao mesmo tempo que pertence a um estado ou cidade, precisa identificar-se como torcedor de um clube. A imprensa ao apresentar alguma pessoa, dificilmente, deixa de exigir sua filiação ou identidade clubística. No Rio Grande do Sul, parece inadmissível, que alguém não seja ou gremista ou colorado. Não se reconhece espaço para outra possibilidade. Deve-se salientar que este fenômeno de cidadania esportiva acontece apenas em relação ao futebol. Os outros esportes, ainda, não conseguiram merecer tal potencial socializador.

Um olhar, que ultrapassa esses aspectos referidos sobre as relações entre mídia e esporte, com menor participação da educação física, mostra como surgem determinadas condutas sociais, exatamente, a partir da manipulação do esporte e da educação física pelos meios de comunicação de massa.

Vou começar pelo esporte. Aqui se pode identificar dois tipos de personagens. Um constituído pelos torcedores, em especial as torcidas organizadas, mas em menor escala os torcedores em geral. A imprensa, com maior ou menor intensidade, buscando promover o espetáculo esportivo, recorre ao sentimento de rivalidade e de competição. Criam-se fatos provocativos que geram tensões e expectativas. Em geral tais provocações acabam gerando conflitos hostis e violências, especialmente por parte dos derrotados. A esse respeito basta lembrar os lamentáveis fatos que a imprensa registrou ultimamente e a própria suspensão de torcidas com o reforço da vigilância policial. Ninguém pensou em vigiar os microfones. Talvez, porque, se apele para a idéia da odiosa censura. Dificilmente

²⁰⁹ Bracht, V. Educação Física e Aprendizagem Social. p. 57.

²¹⁰ Brohm, J-M. Sociologia política del deporte, apud Rev. “Partisans” Deporte, Cultura y Represión. p.20.

a imprensa se olha no espelho.

O segundo tipo é composto pelos atletas. Neste sentido basta assistir uma partida de futebol ou ler os jornais do dia seguinte. Na véspera boa parte de jornalistas força declarações provocativas de jogadores ou, simplesmente, arma uma guerra entre um atleta de um dos times, em geral o astro maior, contra o craque do time adversário. Na verdade, a socialidade desportiva passa a ser construída sobre a competição. Uma virtude fundamental do esporte moderno e da sociedade capitalista. Entretanto, sem querer aprofundar o tema, Maturana diz que “A competição sadia não existe. A competição é um fenômeno cultural e humano, e não constitutivo do biológico. Como fenômeno humano, a competição se constitui na negação do outro Observem as emoções envolvidas nas competições esportivas. Nelas não existe a convivência sadia, porque a vitória de um surge da derrota do outro. O mais grave é que, sob o discurso que valoriza a competição como um bem social, não se vê a emoção que constitui a práxis do competir, que é a que constitui as ações que negam o outro”.²¹¹ Acredito que não há necessidade de comentários. Evidentemente pode-se recusá-la, neste caso haveria necessidade de apresentar contraprovas, já que ele chegou a esta conclusão em nome de pesquisas científicas biológicas, reconhecidas internacionalmente, não falou em nome das ciências humanas, às quais costumamos dar menos crédito.

Na construção desta socialidade da competição estimulam-se desejos e aspirações legítimas do ser humano. Entretanto não se pensa nas possibilidades que o consumidor da mídia, especialmente a televisiva, possui para satisfazer seus desejos estimulados. Numa observação sumária pode-se perceber que a mídia estimula, com os mesmos programas, os desejos de todas as classes de telespectadores indistintamente, desde as mais favorecidas até os miseráveis que não têm o que comer, mas podem ter e assistir televisão. Diante dos estímulos, os que têm condições satisfazem seus desejos, inclusive imediatamente por telefone ou internet. As pessoas sem condições, mas tendo sofrido a mesma investida dos mesmos estímulos, caso não tenham um forte esquema moral, podem, até justificadamente, apela para recursos pouco legais como o roubo, o assalto, o seqüestro e até, o homicídio. Por exemplo, um adolescente violentado pela força da publicidade, pode apelar para a violência a fim de obter o tênis desejado. Ninguém fala desta violência, presente na mídia, que, no meu entender estimula criminosamente desejos para satisfazer necessidades que, nem sempre, são vitais, mas apenas consumistas.

Enveredei para esta última observação, porque julgo ser legítimo transferir tais atitudes de provocação de desejos para os esportes. Todos, trate-se de atletas ou de torcedores, recebem estímulos de vencedor. Jogar ou torcer são vinculados à vitória. A mídia só estimula o sentimento de vencedor. Quando os fatos mostram o contrário, diante do desejo de vencer frustrado, facilmente, parte-se para as faltas e as agressões.

Em relação à educação física, percebe-se, ao contrário do social competitivo dos esportes, uma certa socialidade de convivência, especialmente quando se observam as recentes práticas de caminhadas, exercícios aeróbicos ou atividades de lazer. Mesmo no interior das parafernalias tecnológicas das academias, pela própria natureza dos exercícios, não se instala o espírito competitivo. Pode haver uma certa valorização do individualismo, especialmente nos praticantes jogging, mas em linhas gerais não acontecem cenas de agressividade. Se não dá para falar num socialidade de convivência, pelo menos, dá para assegurar que se trata de uma socialidade de tolerância.

1.3. Um jornalismo esportivo modelar

²¹¹ Maturana, H. Emoções e Linguagem na Educação e na Política. p. 13.

O jornalismo esportivo, entre nós quase que somente futebolístico, se assim pode ser denominada a cobertura da mídia esportiva, acabou sendo, em setores da grande imprensa gaúcha, um jornalismo modelar. Por que modelar? Porque ele acabou impondo-se como uma forma padrão de fazer jornal no sentido original, anterior ao rádio e à televisão. Vou me explicar, não a partir de teses acadêmicas, mas baseado em fatos e nomes. Entretanto, não pretendo individualizar para não suscitar melindres, e, também, porque qualquer um poderá fazê-lo através de um olhar atento, pois pessoas e fatos desfilam diariamente diante dos nossos olhos.

O jornalismo esportivo, que agora penso poder denominá-lo de futebolístico devido à predominância quase total do futebol, marcou o perfil dos profissionais da mídia, e determinou a maneira de tratar as matérias jornalísticas de outras áreas.

Em primeiro lugar, parte considerável dos jornalistas, que no momento atuam nos meios de comunicação mais influentes do Rio Grande do Sul, iniciou sua carreira profissional no tratamento dos eventos futebolísticos. Mais uma vez repito, não pretendo trazer nomes, pois são de todos conhecidos. No futebol, tanto o narrador quanto o comentarista, seja na imprensa falada ou escrita, trabalham baseados em sua própria percepção. Deles não se exige fidelidade nem neutralidade em suas interpretações, também não há preocupação com uma argumentação científica ao se fazer comentários. Tudo fica mais na emocionalidade. E tudo é descrito e anunciado como a verdade mais óbvia.

Diante desta liberalidade tolerada, às vezes, aplaudida, ocorrem fatos humorísticos e irônicos. Muitas vezes, o comentarista, ou narrador, esbraveja contra a substituição de um atleta, mas nem termina de fazer seu discurso inflamado, o jogador que entrara marca um gol ou faz uma jogada genial. E, em princípio, nada muda. Quanto muito se ouve essas expressões: “morder a língua”, ou “só para me contradizer”. Parece que os comentários esportivos, jornalísticos ou não, têm a duração do tempo em que são pronunciados. Sua consistência é líquida, talvez, gasosa. Um exemplo emblemático foi o caso do goleiro da seleção alemã na edição da copa de futebol do mundo. Eleito, antes da partida final, como o melhor jogador do evento, acabou cometendo falhas notáveis na partida final que levariam à reconsideração da escolha, mas tudo ficou como se nada tivesse acontecido.

Este modelo de jornalismo no trato com o futebol, provavelmente, se possa incluir outras modalidades esportivas, passou a ser transferido para a esfera do político, do social, do econômico e, até, do psicológico. Acontecimentos políticos, sociais, econômicos e esportivos acabam homogeneizados e recebem o mesmo tratamento jornalístico. De maneira caricata, talvez, se possa dizer que tudo adquire a consistência fugaz de um gesto esportivo.

Para concluir vou trazer o exemplo de uma manchete que, embora o tema seja de política, foi elaborada como se fora um confronto esportivo:

CLUBE A X CLUBE B - CANDIDATO M X CANDIDATO N

2. PROCESSOS COMUNICACIONAIS E AS NEUROCIÊNCIAS

Neste momento vou tentar apresentar o aspecto mais complexo e inseguro de minha reflexão filosofante. O que vou tentar dizer está em fase preliminar de investigação visando trazer para a educação física, não só teoricamente, mas na prática, algumas teses oriundas da biologia, especialmente no capítulo da neurobiologia. Preciso alertar que os conceitos, aqui trazidos, estão muito mais para a filosofia do que para a biologia, isto não se deve à minha iniciativa, mas sim aos procedimentos adotados pelos autores que eu escolhi para basear minha abordagem.

Neste sentido não estou preocupado com as características não científicas dos conceitos em jogo, pelo contrário, isto me entusiasma já que são cientistas que apelam para esses recursos,

também, não coloco em dúvida sua validade, mas o que me preocupa fortemente é a insegurança das estratégias a serem adotadas para realizar a transição da física para a biologia. Trata-se, certamente de uma mudança radical referente aos conceitos centrais da epistemologia em vigor na educação física inspirada na física e na mecânica. Tenho a plena convicção de que a educação física do futuro deverá passar da atual simplificação dos paradigmas físico-mecânicos para a complexidade dos paradigmas das neurociências. A máquina mecânica deixará de ser a metáfora maior, em seu lugar deverão surgir os conceitos de auto-organização, de sistema auto-referido, de auto-construção e, especialmente, de autopoiese.

É, exatamente, em torno da idéia de autopoiese, apresentada por Humberto Maturana e Francisco Varela, que vou traçar as possíveis relações que, no meu entender, surgem, pela identidade autopoietica da organização do vivo, entre processos comunicacionais e Educação Física e Esporte. Tarefa que ficou mais difícil já que seria necessário explanar o significado de autopoiese. Evidentemente, aqui, pela natureza deste texto e dos limites desta reflexão, não será possível desenvolver o conceito de autopoiese. O termo autopoiese foi inspirado pela leitura da tese do filósofo José M. Bulnes ao tratar da distinção entre praxis e poiesis. Além disso, posso antecipar que, pela idéia de autopoiese, os autores querem fundamentar ou descrever o fenômeno da organização do ser vivo como uma auto-organização. Aos que, por ventura não estejam familiarizados com a idéia de organização autopoietica, remeto à leitura das obras dos autores acima citados.²¹²

Para continuar minha reflexão resolvi tratar separadamente a educação física e o esporte e suas vinculações com os processos comunicacionais.

2.1. Processos comunicacionais e educação física

A educação física, até agora, foi desenvolvida como um processo mecânico, baseado nas leis da física, cujo princípio maior é a relação causa/efeito, ou o princípio da causalidade acionado por forças físico/químicas. A idéia de causalidade como processo dinâmico de toda realidade, humana ou não, embora teoricamente já estruturada pelos gregos e exercitada em seus raciocínios lógicos abstratos, mas aplicação prática em todos os fenômenos da realidade, como explicação científica, começou a acontecer no início da modernidade. Um passo não muito tranqüilo, pois causou muitos transtornos aos filósofos empiristas como Leibniz (1646-1716) que defendia a idéia da harmonia preestabelecida, e Malebranche (1638-1715) seguindo o mesmo caminho apresentou a tese do ocasionalismo. Mais recentemente, entre as décadas de 50 e 60 do século XIX, a história das ciências nos delicia com as famosas discussões dos cientistas sobre a teoria da geração espontânea. A concepção de causa que se formou recebeu esta definição: “a uma configuração definida de coisas inteiramente material seguir-se-á sempre determinada ocorrência observável”.²¹³ Esse é o conceito de causa que foi elevado à dignidade de conceito central da ciência, até hoje, com ele se pode descrever o funcionamento de qualquer mecanismo.

A compreensão do universo, o macrocosmo, como uma grande máquina fez com que o homem, o microcosmo, também fosse definido como máquina. É bom lembrar que Descartes lamentava que os filósofos não conheciam corretamente o ser humano porque não conheciam suficientemente máquina. Em biologia Descartes ficou célebre por seu mecanicismo e sua teoria dos animais-máquinas. “Para ele, todo ser vivo deve ser explicado em termos de forças mecânicas, pneumáticas e hidráulicas, acionadas por engrenagens, tubulações, bombas, molas, polias,

²¹² Maturana H. e Varela F. De Máquinas e Seres Vivos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. E Maturana, H. Magro, C., Graciano, M., Vaz N. (Org.). A Otologia da Realidade. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

²¹³ Bronowski, J. Do Senso Comum da Ciência. p. 40.

alavancas, guinchos, válvulas, etc.”.²¹⁴ Neste contexto não se pode esquecer La Mettrie (1709-1751) e seu famoso livro *L’Homme Machine*.

A educação física no momento em que definiu o desenvolvimento do movimento, como seu objeto de investigação e de ação prática, não encontrou outra opção, dentro da mentalidade vigente, senão buscar na física e na mecânica as bases de sua epistemologia e de suas técnicas. Como confirmação desta afirmação lembro ao leitor a proposta de que a educação física se constitui como ciência da motricidade humana. Neste contexto conceitos como velocidade, resistência, gravidade, equilíbrio, resistência, flexibilidade, agilidade, centro de gravidade, força, impulsão, força de reação, tempo de reação, impulsão, coordenação motora, esquema corporal, etc. tornaram-se fundamentais para construir exercícios físicos ensinados na escola e, especialmente, para desenvolver pesquisas em laboratórios de biomecânica, fisiologia e do exercício.

Ainda hoje a física e a mecânica garantem a superioridade das pesquisas científicas sobre as pesquisas pedagógicas em educação física. Tal superioridade foi reforçada quando a química se desenvolveu e se aproximou da física. Assim a química ficou incorporada a esse processo como fonte de produção de estimulantes ou drogas químicas, capazes de elevar as potencialidades físicas ao máximo de desenvolvimento e de rendimento, meta que não seria atingida apenas pelos exercícios físicos.

No final do século passado, mais precisamente nas duas últimas décadas, os avanços da biologia molecular, já municiada pela física quântica, começaram oferecer informações mais adequadas para a compreensão dos seres vivos em geral, inclusive o ser humano. Ficou claro que um organismo vivo não se explica como um mecanismo físico, mecânico e químico. Os diferentes ramos da biologia demonstram com argumentação e fatos que um organismo vivo é mais que um artefato mecânico. A biomecânica precisa começar pelo bio, não pela mecânica.

Entre as ciências biológicas, certamente, figuram em primeiro plano a genética e as neurociências, entre estas, a neurobiologia. Novamente, sem poder aprofundar a importância desta mudança, terei que me limitar a esta notificação horizontal, pois invocarei apenas os pontos que julguei indispensáveis para a minha reflexão.

As neurociências vieram revolucionar a visão mecanicista da física transferida para os seres vivos e adotada, em grande parte, pela educação física e o esporte. Admitiu-se, sem maiores discussões, que o ser vivo, em sua organização, age segundo regras físicas e mecânicas. A neurobiologia está demonstrando que o modelo mecanicista é impróprio ao apresentar a idéia de um sistema comunicacional. O organismo vivo mantém sua unidade e integridade graças a um sistema comunicacional. É aqui que entra a idéia de autopoiese, defendida por Maturana e Varela, que eles explicam assim: “Toda interação da identidade autopoietica acontece não somente em termos de sua estrutura físico-química, mas também quanto à unidade organizada, isto é, em referência a sua identidade auto-produzida. Aparece de maneira explícita um ponto de *referência* nas interações e, portanto, surge um novo nível de fenômenos: a constituição de significados. Os sistemas autopoieticos inauguram na natureza o fenômeno interpretativo”.²¹⁵ Os conceitos de significado e de interpretação nos colocam diante do fenômeno da comunicação, não necessariamente, uma comunicação pela linguagem.

Vamos tentar entrar em alguns detalhes. Tanto Varela quanto Maturana reconhecem a grande influência da vida da filosofia através do conceito de poiese, mas reconhecem também a fundamental contribuição da cibernética. Na estrutura genética está gravada toda a memória da estrutura

²¹⁴ Descartes, R. Apud Lentin, J-P. Penso logo me engano p. 100.

²¹⁵ Maturana, H. Varela F. De Máquinas e Seres Vivos. p. 47.

completa do ser vivo. De fato cabe aos genes o cumprimento de diferentes tarefas. Há, por exemplo, o gene responsável pela colocação dos órgãos no corpo, às vezes, um órgão pode estar deslocado, como acontece, embora raramente, com o coração colocado no lado direito. Nos seres vivos cerebrados, tudo passa pelo cérebro. O cérebro recebe as informações vindas de fora e do interior do organismo vivo, as distribui e transmite em forma de comando para as diferentes partes do organismo estabelecendo a tarefa que deve ser necessariamente ocupada. Trata-se de verdadeiras redes de informações. O fato da necessidade, isto é, não algo pode deixar de ser efetuado sem colocar em perigo a sobrevivência da organização vida. Tudo deve ser mantido em congruência, tanto interna quanto externa entre todas as partes. A congruência, segundo Varela, é a condição a condição de garantir a conservação da organização do ser vivo, como um sistema autoreferido e como um ser em convivência com outros seres e o meio ambiente.

O princípio do sistema comunicacional, observado na auto-organização do ser vivo, pode ser encontrado, já com um grau de maior complexidade, na organização coletiva dos animais e insetos sociais. A manutenção da ordem se dá graças ao um sofisticado sistema de transmissão de informações, que possuem um caráter de comando. Não se trata, ainda, de um fenômeno que possa ser chamado de linguagem, segundo Benveniste, a noção de linguagem aplicada ao mundo animal só é possível como abuso do termo. Para ele estamos, apenas, diante de mensagens que transmitem informações fechadas. Mesmo que se trate de mensagens, estas revelam a presença de um sistema comunicacional.²¹⁶ Neste sentido somente haveria linguagem quando se cria o fato lingüístico, somente possível mediante a capacidade simbolizadora, exclusividade, dizem os lingüistas, do ser humano. Será? A discussão não vem ao caso.

O importante é que em ambos os casos, tanto na auto-organização ou autopoietico do ser vivo quanto nas mensagens dos insetos e animais sociais, existe um sistema comunicacional.

A idéia da autopoiese do ser vivo ser regida por um sistema comunicacional é reforçada pela teoria do conhecimento como fenômeno biológico. Uma idéia que está presente na obra de Piaget, *Biologie et connaissance*, de 1997. Talvez, o capítulo III, Epistemologia do conhecimento biológico seja o mais ilustrativo para desta reflexão. Maturana e Varela falam com a maior naturalidade da gênese biológica do conhecimento.

Acredito que a teoria pedagógica de Martin Wagenschein se enquadra perfeitamente neste contexto. Ele reconhece a fenomenologia biológica do conhecimento e, em nome desta tese, constrói a pedagogia do ensino genético. O ensino genético nada mais é do que reconhecer que o conhecimento é construído individualmente a partir da biologia. Creio não cometer um equívoco ao aproximar o ensino genético de Wagenschein à teoria de Maturana sobre a origem biológica do observar do observador.

Por fim, quero fazer referência ao trabalho do Prof. Landau que transferiu o ensino genético de Wagenschein para o ensino da aprendizagem do movimento. E pelo que ele demonstrou em suas experiências, desenvolvidas na Alemanha e apresentadas na CEFD da UFSM, foi um sucesso. Ficou claro que tanto o conhecimento cognitivo quanto a aprendizagem de movimentos não são aprendidos, mais sim vivenciados e construídos individualmente.

2.2 Processos comunicacionais e esporte

Neste momento não há mais grandes coisas a dizer. O esporte não é uma ciência, mas uma atividade cultural criada pelo homem com objetivos diversos e que se sustenta, fundamentalmente, sobre atividades físicas. A educação física, como já foi dito, adotou o esporte como sua atividade mais

²¹⁶ Benveniste, E. *Problèmes de linguistique générale*. p. 60.

relevante, chegando a confundir-se com o mesmo, por isso neste momento, falta, apenas, transferir para o esporte o que foi dito no item anterior sobre a educação física.

Em primeiro lugar os movimentos começam como resposta a uma determinada mensagem que atua como comando. A resposta se transforma em conduta ou em ação porque a mensagem direcionou o organismo para aquela direção. Quando um velocista dos cem metros, colocado no ponto de partida, ouve o estampido para iniciar a corrida, sua reação se desencadeia após receber a mensagem. O tempo de reação nada tem a ver com forças físicas mas com a velocidade em que se dá o circuito da comunicação que se dá entre a recepção da informação e o comando que desencadeia a força de reação. Evidentemente, a massa física do atleta quanto melhor seu estado, melhor será sua performance. Aqui entram os recursos químicos estimulantes. Acredito ser correto lembrar que, certas drogas, por exemplo o álcool, podem aumentar o tempo de reação, exatamente porque atuam sobre o sistema nervoso, responsável pelo correto funcionamento do processo comunicacional. A recepção de sinais e a pronta transmissão de uma ordem ou da mensagem para a execução da tarefa solicitada dependem do estado em que se encontram os canais de comunicação. Aqui, o raciocínio ou a tomada de consciência não acontecem

Em segundo lugar um gesto esportivo não é aprendido. Se as teorias pedagógicas construtivistas afirmam que os conteúdos cognitivos não são ensinados mas cada indivíduo constrói seus conhecimentos, muito mais difícil será admitir que se ensina um gesto esportivo. Por exemplo, uma operação aritmética de somar poderá ser efetuada com absoluta certeza por todos, depois de ser conhecida. Um gesto esportivo, ao contrário, embora conhecido, dificilmente poderá ser efetutado repetitivamente com 100% de aproveitamento, nem mesmo pela mesma pessoa. A operação aritmética uma vez conhecida poderá ser repetida com acerto ao infinito, o que não ocorre com um gesto esportivo. Caso o movimento fosse uma simples ação mecânica, provavelmente a conduta esportiva manteria uniformidade, mas como a dimensão mecânica depende de outros fatores comunicacionais, haverá sempre a possibilidade de alterações.

Um fator fundamental, que deve ser considerado, na execução de um gesto esportivo ou qualquer movimento, é o estado emocional. Uma emoção modifica significativamente as condutas das pessoas. E as emoções se desencadeiam através de um estímulo recebido como mensagem. O exemplo da barata, descrito por Maturana, me parece plenamente esclarecedor. Uma barata passeia tranqüilamente pela cozinha, mas no momento de alguém acender a luz ou fizer algum barulho, ela começa a correr de um lado para outro. Toda essa alteração de conduta deve-se, diz Maturana, a alterações emocionais que a leva a alterações de conduta.²¹⁷ Poderíamos pensar num atleta que treina o arremesso numa quadra silenciosa de um ginásio, e depois executa o mesmo gesto num ginásio em partida oficial sob a pressão de milhares de vozes vaiando.

CONCLUSÃO

Para concluir, me parece evidente que estarmos diante de duas opções para se pensar a educação física e o esporte. Uma, consistiria em manter o paradigma atual baseado na física e na mecânica coadjuvadas pela química e bioquímica. Outra, levaria a construir um outro paradigma sobre as ciências biológicas, em especial a genética e as neurociências, sem contudo querer eliminar as contribuições e a parte que compete ao paradigma anterior.

Por fim, acentuaria as diferenças de conseqüências que acontecem na educação física e no esporte a partir de cada paradigma. O paradigma, baseado na física-mecânica e na bioquímica, que é

²¹⁷ Maturana, H. Emoções e Linguagem na Educação na Política. p. 16. Cf. do mesmo autor A Ontologia da Realidade p. 170.

o que está em vigor atualmente, mantém a idéia de homem máquina. De maneira um tanto simplificada se pode dizer que, em resumo, o corpo humano é tratado como instrumento para se obter algum resultado, que não diz diretamente a ele, mas ao produto a ser alcançado, fundamentalmente, o rendimento. E os índices do rendimento não são calculados pelos limites do corpo, mas pelas exigências da atividade proposta, esporte, ginástica, dança, etc. O que vale é a vitória, a medalha, o recorde, mesmo ao custo de seqüelas para a pessoa. O paradigma, baseado nas neurociências, propõe partir das possibilidades do corpo individual sem nunca pretender violentar, nem mesmo atingir seus limites máximos. O que importa é o bem corporal individual, seu desenvolvimento dentro dos limites de sua estrutura genética, sem agressão e com equilíbrio.

Portanto, diante dos dois paradigmas pode-se afirmar que, de um lado, propõe-se o uso do corpo, de outro lado, incentiva-se viver o corpo. A diferença é a que exprimem esses termos: usar e viver ou corpo-instrumento e corpo-vida.

BIBLIOGRAFIA

- BENTO, Jorge. *Desporto "Matéria" de Ensino*. Lisboa: Editorial Caminho, 1987.
- BENVENISTE, Émile. *Problème de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966.
- BRACHT, Valter. *Educação Física e Aprendizagem Social*. Porto Alegre: Magister, 1992.
- BROHM, Jean-Marie. *Sociologia Política del Deporte*. Apud Rev. "Partisans" Deporte, Cultura y Represión. S/N. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1978.
- BRONOWSKI, J. *O Senso Comum da Ciência*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.
- LENTIN, Jean-Pierre. *Penso Logo me Engano*. São Paulo: Ática, 1996
- MATURANA, H. e VARELA, F. *De Máquinas e Seres Vivos: Autopoiese - a Organização do Vivo*. trad. Juan Acuña Llorens. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MATURANA, H. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.